

Bem mais que super-heróis

Sem abandonar a veia humorística e satírica, as novas narrativas em HQs exploram temáticas menos convencionais e discutem questões contemporâneas

Aos geeks, a boa notícia

A Comic Con Experience, maior convenção para o público geek da América Latina, está marcada para 3 de dezembro, em São Paulo. Inspirada na versão americana, a organização do evento confirmou a presença dos quadrinistas Alex Maleev, um dos responsáveis pela série *Demolidor*, da Marvel; Mark Waid, dos *Vingadores*, também da Marvel; Francis Manapul, da HQ *Flash*, DC Comics e Esad Ribic, quadrinista de *Thor*, *Surfista Prateado*, *Réquiem* e *Namor: Profundezas*. Eles participarão de debates e workshops na convenção. Quadrinistas independentes também podem expor os trabalhos na área Artists Alley. As inscrições estão abertas.

Arthur Fujiji/Divulgação



Ivan Costa, sócio da Comic Con Experience, versão brasileira do maior evento geek do mundo

Reprodução



A condição feminina no Iêmen é tema de *O mundo de Aisha*

» REBECA OLIVEIRA

Uma folha, um lápis e infinitas possibilidades. Quadrinistas têm, cada vez mais, explorado temáticas que ultrapassam os já conhecidos personagens com superpoderes. Nos últimos dois meses, chegaram às livrarias pelo menos cinco obras que comprovam a versatilidade das tirinhas. A mais recente delas foi *O árabe do futuro*, autobiografia do quadrinista Riad Sattouf, que viveu entre França, Líbia e Síria nas décadas de 1970 e 1980.

Com viés político mas sem abandonar o humor e a ironia, o premiado livro do ex-colaborador do *Charlie Hebdo* surge no mercado ao mesmo tempo em que versões de romances consagrados, como o clássico *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, passam a ocupar as prateleiras de HQs. Prova de que os quadrinhos, definitivamente, servem a vários nichos e temáticas.

Para o especialista Ivan Freitas da Costa, sócio da *Comic Con Experience (CCXP)*, o mercado vive um momento de expansão tanto nos temas quanto nas vendas. Curiosamente, esse fôlego vem de outra área: o cinema, com produções inspiradas na linguagem das tirinhas. “As maiores bilheterias do cinema remetem à temática de super-heróis. Até filmes bibli-

cos, como *Noé* e *Exodus*, têm ganhado contornos heroicos, linguagem que teve origem nos quadrinhos”, explica.

Segundo ele, esse contato do público com o mundo das HQs possibilitou uma ampliação na produção, ainda que indiretamente. Como prega a já conhecida lógica de mercado, o aumento na procura ocasionou uma oferta ampla e diversa de títulos.

Atentas a esse movimento, grandes editoras como a Companhia das Letras e o Grupo Autêntica criaram a Quadrinhos na Cia. e a Nemo, respectivamente, selos exclusivos para as tirinhas. “Essa versatilidade sempre existiu. Ela aparece mais claramente hoje por haver um maior número de lançamentos”, acredita Arnaud Vin, editor da Nemo, criada há quatro anos.

Este ano, a Nemo lançou *O mundo de Aisha*, reportagem em HQ que narra a delicada situação feminina no Iêmen. Até o fim de 2015, promete outros 30 títulos novos no mercado.

“As editoras abriram mais espaço para os quadrinhos percebendo o

interesse crescente dos leitores. Temos exemplo de editoras que antes publicavam apenas livros convencionais e que estão começando a publicar também quadrinhos”, comenta Vin.

Independência

Para além do momento de êxito no mercado editorial, as HQs autorais têm fôlego extra em publicações independentes e webcomics, que sobrevivem com ajuda do público, em sites de financiamento coletivo, e por meio de eventos como a Feira Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte e a Comic Con Experience. “No ano passado tivemos 350 quadrinistas na Artists Alley, área específica para eles na Comic Con. A maioria teve tiragem esgotada e alguns até deixaram os estandes porque não tinham mais obras disponíveis”, recorda-se Ivan Freitas da Costa.

O especialista vê nos mercados francês e belga um importante movimento no qual os artistas brasileiros têm se inspirado. “São histórias experimentais, romances, HQs com temática LGBT, novelas, algumas sem começo, meio e fim. É um mercado gigantesco em volume de produção, muito maior do que o americano”, pontua Costa.

Em terras tupiniquins, ele garante que o cenário não tem sido diferente. “Na Comic Con vi desde histórias de zumbis que invadem São Paulo até relatos de guerrilha urbana. Se tem uma palavra que define a produção brasileira atual é diversidade”, acredita.

Ranking

“É muito difícil ter números claros e objetivos sobre vendas de quadrinhos no Brasil. Mas as obras nacionais são cada vez mais bem colocadas nesse ranking. Basta ver o belo lançamento dos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá”, completa Arnaud Vin. “Entretanto, precisamos ficar com os pés no chão, pois nosso mercado ainda não chegou à maturidade e temos um longo caminho a percorrer”, faz o alerta. Caminho este que, no que depender de nomes como a catarinense Fefê Torquatto (autora do recém-lançado *Gata garota*), será de prosperidade, ainda que existam percalços. “O que ainda atrapalha muito a popularização das HQs é o preconceito. Muita gente ainda gosta de comparar quadrinhos e literatura, sendo um para crianças e outro direcionado para os adultos. E é isso que precisa ser combatido”, afirma a artista.

“Talvez, no futuro, o mercado vá ditar as suas preferências. De repente, podemos descobrir que o brasileiro gosta de quadrinhos autobiográficos. Mas nesse momento, estamos na parte divertida da coisa. Quem vai ficar é quem tem talento, quem se dedicou, quem se aperfeiçoou. Estamos na fase do florescer”, finaliza Ivan Freitas da Costa.

ESTANTE

Cinco lançamentos reforçam temáticas heterogêneas abordadas por quadrinistas brasileiros e estrangeiros

Cianeto & Felicidade



Legal/Reprodução

Cianeto & felicidade

Kris Wilson, Rob DebBleyker, Matt Melvin e Dave McElfratrick. Tradução de Érico Assis. Leya, 160 páginas. Preço médio: R\$ 39,90.

Quatro artistas assinam as tirinhas que têm como protagonistas bonecos paulistas, como se fossem desenhados por crianças. As webcomics tiveram enorme repercussão na internet: somente no Facebook, acumulam 10 milhões de fãs e, neste mês, 100 tirinhas de teor venenoso criadas por eles chegaram às livrarias. Conhecidos pelas piadas politicamente incorretas, os quadrinistas passeiam por temas como doenças, depressão, homossexualidade e morte com humor exageradamente nonsense.

Dois irmãos



Quadrinhos na Cia/Reprodução

Dois irmãos

Fábio Moon e Gabriel Bá. Quadrinhos na Cia., 232 páginas. Preço médio: R\$ 39,90.

A graphic novel é uma adaptação da obra homônima de Milton Hatoum e, curiosamente, leva a assinatura dos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá, dois dos mais importantes quadrinistas do país. Ganhadora de dois prêmios Eisner e um Jabuti, a dupla confere contornos dramáticos ao clássico de Hatoum. O enredo narra a história dos irmãos Omar e Yaqub, descendentes de libaneses vivendo em Manaus, e foi dividido em três atos. Resultado de um trabalho de seis anos, a obra entra no rol de lançamentos imperdíveis para quem é fã de tirinhas.

O mundo de Aisha



Nemo/Reprodução

O mundo de Aisha – A revolução silenciosa das mulheres no Iêmen

De Ugo Bertotti, tradução de Fernando Scheibe. Nemo, 144 páginas. Preço médio: R\$ 44,90.

Parceria entre o ilustrador Ugo Bertotti e a fotógrafa Agnes Montanari, a HQ é um relato real da condição feminina no Iêmen, país conhecido pelo regime fundamentalista. Montanari entrevistou cerca de 30 mulheres que lhe contaram, por exemplo, o desejo de abandonar o véu (ou *niqab*) para ter autonomia sobre a própria imagem, e consequentemente sobre a própria vida. Bertotti é responsável pelo roteiro da obra, que intercala ilustrações e fotografias com apuro visual.

Gata garota



Nemo/Reprodução

Gata garota

De Fefê Torquatto. Nemo, 158 páginas. Preço médio: R\$ 27,90.

Lançada inicialmente como uma webcomic (modelo de publicação adotado pela grande maioria dos artistas independentes), a HQ da artista catarinense Fefê Torquatto narra as aventuras de Gigi, uma jovem metade humana e metade gato. O mais “belo, destemido e implacável habitante noturno” inspira a personalidade da personagem. Em preto e branco, a HQ é destinada ao público jovem e tem linguagem leve.

O árabe do futuro



Intrínseca/Reprodução

O árabe do futuro – Uma juventude do Oriente Médio (1978-1984)

De Riad Sattouf. Tradução de Debora Fleck. Intrínseca, 160 páginas. Preço médio: R\$ 33,90.

A infância entre a França, a Síria e a Líbia moldou a história do quadrinista Riad Sattouf. Inspirado pela vida nos três países, construiu uma empolgante e politicamente engajada HQ. Fatos históricos se mesclam a recordações pessoais no primeiro volume da obra, lançado neste mês. Sattouf nasceu em 1978, no mesmo dia em que o pai, Abdel-Razak, tornou-se doutor em história pela Universidade de Sorbonne, na França. A dualidade de ideias no âmbito familiar se estende às condições de vida nos três países e pontua toda a obra do artista, ex-colaborador do *Charlie Hebdo*.